

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

NOÉ

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO VINTE E SETE)

Contato: Fones 19 (R) 33011702 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba – SP

Novembro - 2021

ÍNDICE

BÍBLIA GÊNESIS Cap. 5 Versículo 29 ao 32.....	03
BÍBLIA GÊNESIS Cap. 6 Versículo 8 ao 22.....	03
BÍBLIA GÊNESIS Cap. 7 Versículo 1 ao 16.....	04
BÍBLIA GÊNESIS Cap. 8 Versículo 1 ao 22.....	04
BÍBLIA GÊNESIS Cap. 9 Versículo 1 ao 29.....	05
BÍBLIA GÊNESIS Cap. 10 Versículo 1 ao 32.....	07
BÍBLIA ISAÍAS Cap. 54 Versículo 9.....	08
BÍBLIA EZEQUIEL Cap. 14 Versículo 14 ao 20.....	08
BÍBLIA MATEUS Cap. 24 Versículo 37 ao 39.....	08
BÍBLIA LUCAS Cap. 3 Versículo 36.....	09
BÍBLIA LUCAS Cap. 17 Versículo 26 e 27.....	09
BÍBLIA HEBREUS Cap. 11 Versículo 7.....	09
BÍBLIA I S. PEDRO Cap. 3 Versículo 20.....	09
BÍBLIA II S. PEDRO Cap. 2 Versículo 5.....	09
DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS.....	10
O LIVRO DOS ESPÍRITOS.....	14
ADÃO E EVA.....	15
ÀS MARGENS DO EUFRATES.....	18
OALVORECER DA ESPIRITUALIDADE.....	19
O CRISTIANISMO DO CRISTO E DOS SEUS VIGÁRIOS.....	22
O DESCONHECIDO E OS PROBLEMAS PSÍQUICOS.....	23
REVISTA ESPÍRITA 1860.....	23
OS EXILADOS DE CAPELA.....	24
UMA ANÁLISE CRÍTICA DA BÍBLIA.....	28
VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA.....	30
A GÊNESE.....	32

BÍBLIA GÊNESIS

Cap. 5 Versículo 29 ao 32

29 Deu-lhe o nome de Noé e disse: "Ele nos aliviará do nosso trabalho e do sofrimento de nossas mãos, causados pela terra que o Senhor amaldiçoou".

30 Depois que Noé nasceu, Lameque viveu 595 anos e gerou outros filhos e filhas.

31 Viveu ao todo 777 anos e morreu.

32 Aos 500 anos, Noé tinha gerado Sem, Cam e Jafé.

BÍBLIA GÊNESIS

Cap. 6 Versículo 8 ao 22

8 A Noé, porém, o Senhor mostrou benevolência.

9 Esta é a história da família de Noé:

Noé era homem justo, íntegro entre o povo da sua época; ele andava com Deus.

10 Noé gerou três filhos: Sem, Cam e Jafé.

11 Ora, a terra estava corrompida aos olhos de Deus e cheia de violência.

12 Ao ver como a terra se corrompera, pois toda a humanidade havia corrompido a sua conduta,

13 Deus disse a Noé: "Darei fim a todos os seres humanos, porque a terra encheu-se de violência por causa deles. Eu os destruirei com a terra.

14 Você, porém, fará uma arca de madeira de cipreste; divida-a em compartimentos e revista-a de piche por dentro e por fora.

15 Faça-a com cento e trinta e cinco metros de comprimento, vinte e dois metros e meio de largura e treze metros e meio de altura.

16 Faça-lhe um teto com um vão de quarenta e cinco centímetros entre o teto e o corpo da arca. Coloque uma porta lateral na arca e faça um andar superior, um médio e um inferior.

17 "Eis que vou trazer águas sobre a terra, o Dilúvio, para destruir debaixo do céu toda criatura que tem fôlego de vida. Tudo o que há na terra perecerá.

18 Mas com você estabelecerei a minha aliança, e você entrará na arca com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos.

19 Faça entrar na arca um casal de cada um dos seres vivos, macho e fêmea, para conservá-los vivos com você.

20 De cada espécie de ave, de cada espécie de animal grande e de cada espécie de animal pequeno que se move rente ao chão virá um casal a você para que sejam conservados vivos.

21 E armazene todo tipo de alimento, para que você e eles tenham mantimento".

22 Noé fez tudo exatamente como Deus lhe tinha ordenado.

BÍBLIA GÊNESIS

Cap. 7 Versículo 1 ao 16

- 1 Então o Senhor disse a Noé: "Entre na arca, você e toda a sua família, porque você é o único justo que encontrei nesta geração.
- 2 Leve com você sete casais de cada espécie de animal puro, macho e fêmea, e um casal de cada espécie de animal impuro, macho e fêmea,
- 3 e leve também sete casais de aves de cada espécie, macho e fêmea, a fim de preservá-los em toda a terra.
- 4 Daqui a sete dias farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites, e farei desaparecer da face da terra todos os seres vivos que fiz".
- 5 E Noé fez tudo como o Senhor lhe tinha ordenado.
- 6 Noé tinha seiscentos anos de idade quando as águas do Dilúvio vieram sobre a terra.
- 7 Noé, seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos entraram na arca, por causa das águas do Dilúvio.
- 8 Casais de animais grandes, puros e impuros, de aves e de todos os animais pequenos que se movem rente ao chão
- 9 vieram a Noé e entraram na arca, como Deus tinha ordenado a Noé.
- 10 E, depois dos sete dias, as águas do Dilúvio vieram sobre a terra.
- 11 No dia em que Noé completou seiscentos anos, um mês e dezessete dias, nesse mesmo dia todas as fontes das grandes profundezas jorraram, e as comportas do céu se abriram.
- 12 E a chuva caiu sobre a terra quarenta dias e quarenta noites.
- 13 Naquele mesmo dia, Noé e seus filhos, Sem, Cam e Jafé, com sua mulher e com as mulheres de seus três filhos, entraram na arca.
- 14 Com eles entraram todos os animais de acordo com as suas espécies: todos os animais selvagens, todos os rebanhos domésticos, todos os demais seres vivos que se movem rente ao chão e todas as criaturas que têm asas: todas as aves e todos os outros animais que voam.
- 15 Casais de todas as criaturas que tinham fôlego de vida vieram a Noé e entraram na arca.
- 16 Os animais que entraram foram um macho e uma fêmea de cada ser vivo, conforme Deus ordenara a Noé. Então o Senhor fechou a porta.

BÍBLIA GÊNESIS

Cap. 8 Versículo 1 ao 22

- 1 Então Deus lembrou-se de Noé e de todos os animais selvagens e rebanhos domésticos que estavam com ele na arca, e enviou um vento sobre a terra, e as águas começaram a baixar.
- 2 As fontes das profundezas e as comportas do céu se fecharam, e a chuva parou.

- 3 As águas foram baixando pouco a pouco sobre a terra. Ao fim de cento e cinquenta dias, as águas tinham diminuído,
- 4 e, no décimo sétimo dia do sétimo mês, a arca pousou nas montanhas de Ararate.
- 5 As águas continuaram a baixar até o décimo mês, e no primeiro dia do décimo mês apareceram os topos das montanhas.
- 6 Passados quarenta dias, Noé abriu a janela que fizera na arca.
- 7 Esperando que a terra já tivesse aparecido, Noé soltou um corvo, mas este ficou dando voltas.
- 8 Depois soltou uma pomba para ver se as águas tinham diminuído na superfície da terra.
- 9 Mas a pomba não encontrou lugar onde pousar os pés porque as águas ainda cobriam toda a superfície da terra e, por isso, voltou para a arca, a Noé. Ele estendeu a mão para fora, apanhou a pomba e a trouxe de volta para dentro da arca.
- 10 Noé esperou mais sete dias e soltou novamente a pomba.
- 11 Quando voltou ao entardecer, a pomba trouxe em seu bico uma folha nova de oliveira. Noé então ficou sabendo que as águas tinham diminuído sobre a terra.
- 12 Esperou ainda outros sete dias e de novo soltou a pomba, mas dessa vez ela não voltou.
- 13 No primeiro dia do primeiro mês do ano seiscentos e um da vida de Noé, secaram-se as águas na terra. Noé então removeu o teto da arca e viu que a superfície da terra estava seca.
- 14 No vigésimo sétimo dia do segundo mês, a terra estava completamente seca.
- 15 Então Deus disse a Noé:
- 16 "Saia da arca, você e sua mulher, seus filhos e as mulheres deles.
- 17 Faça que saiam também todos os animais que estão com você: as aves, os grandes animais e os pequenos que se movem rente ao chão. Faça-os sair para que se espalhem pela terra, sejam férteis e se multipliquem".
- 18 Então Noé saiu da arca com sua mulher e seus filhos e as mulheres deles,
- 19 e com todos os grandes animais e os pequenos que se movem rente ao chão e todas as aves. Tudo o que se move sobre a terra saiu da arca, uma espécie após outra.
- 20 Depois Noé construiu um altar dedicado ao Senhor e, tomando alguns animais e aves puros, ofereceu-os como holocausto, queimando-os sobre o altar.
- 21 O Senhor sentiu o aroma agradável e disse a si mesmo: "Nunca mais amaldiçoarei a terra por causa do homem, pois o seu coração é inteiramente inclinado para o mal desde a infância. E nunca mais destruirei todos os seres vivos como fiz desta vez.
- 22 "Enquanto durar a terra, plantio e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite jamais cessarão".

BÍBLIA GÊNESIS

Cap. 9 Versículo 1 ao 29

- 1 Deus abençoou Noé e seus filhos, dizendo-lhes: "Sejam férteis, multipliquem-se e encham a terra.
- 2 Todos os animais da terra tremerão de medo diante de vocês: os animais selvagens, as aves do céu, as criaturas que se movem rente ao chão e os peixes do mar; eles estão entregues em suas mãos.

3 Tudo o que vive e se move servirá de alimento para vocês. Assim como dei a vocês os vegetais, agora dou todas as coisas.

4 "Mas não comam carne com sangue, que é vida.

5 A todo aquele que derramar sangue, tanto homem como animal, pedirei contas; a cada um pedirei contas da vida do seu próximo.

6 "Quem derramar sangue do homem, pelo homem seu sangue será derramado; porque à imagem de Deus foi o homem criado.

7 "Mas vocês sejam férteis e multipliquem-se; espalhem-se pela terra e proliferem nela".

8 Então disse Deus a Noé e a seus filhos, que estavam com ele:

9 "Vou estabelecer a minha aliança com vocês e com os seus futuros descendentes,

10 e com todo ser vivo que está com vocês: as aves, os rebanhos domésticos e os animais selvagens, todos os que saíram da arca com vocês, todos os seres vivos da terra.

11 Estabeleço uma aliança com vocês: Nunca mais será ceifada nenhuma forma de vida pelas águas de um dilúvio; nunca mais haverá dilúvio para destruir a terra".

12 E Deus prosseguiu: "Este é o sinal da aliança que estou fazendo entre mim e vocês e com todos os seres vivos que estão com vocês, para todas as gerações futuras:

13 o meu arco que coloquei nas nuvens. Será o sinal da minha aliança com a terra.

14 Quando eu trouxer nuvens sobre a terra e nelas aparecer o arco-íris,

15 então me lembrarei da minha aliança com vocês e com os seres vivos de todas as espécies. Nunca mais as águas se tornarão um dilúvio para destruir toda forma de vida.

16 Toda vez que o arco-íris estiver nas nuvens, olharei para ele e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos de todas as espécies que vivem na terra".

17 Concluindo, disse Deus a Noé: "Esse é o sinal da aliança que estabeleci entre mim e toda forma de vida que há sobre a terra".

Os filhos de Noé

18 Os filhos de Noé que saíram da arca foram Sem, Cam e Jafé. Cam é o pai de Canaã.

19 Esses foram os três filhos de Noé; a partir deles toda a terra foi povoada.

20 Noé, que era agricultor, foi o primeiro a plantar uma vinha.

21 Bebeu do vinho, embriagou-se e ficou nu dentro da sua tenda.

22 Cam, pai de Canaã, viu a nudez do pai e foi contar aos dois irmãos que estavam do lado de fora.

23 Mas Sem e Jafé pegaram a capa, levantaram-na sobre os ombros e, andando de costas para não verem a nudez do pai, cobriram-no.

24 Quando Noé acordou do efeito do vinho e descobriu o que seu filho caçula lhe havia feito,

25 disse: "Maldito seja Canaã! Escravo de escravos será para os seus irmãos".

26 Disse ainda: "Bendito seja o Senhor, o Deus de Sem! E seja Canaã seu escravo.

27 Amplie Deus o território de Jafé; habite ele nas tendas de Sem, e seja Canaã seu escravo".

28 Depois do Dilúvio Noé viveu trezentos e cinquenta anos.

29 Viveu ao todo novecentos e cinquenta anos e morreu.

BÍBLIA GÊNESIS

Cap. 10 Versículo 1 ao 32

- 1 Este é o registro da descendência de Sem, Cam e Jafé, filhos de Noé. Os filhos deles nasceram depois do Dilúvio.
- 2 Estes foram os filhos de Jafé: Gômer, Magogue, Madai, Javã, Tubal, Meseque e Tirás.
- 3 Estes foram os filhos de Gômer: Asquenaz, Rifate e Togarma.
- 4 Estes foram os filhos de Javã: Elisá, Társis, Quitim e Rodanim.
- 5 Deles procedem os povos marítimos, os quais se separaram em seu território, conforme a sua língua, cada um segundo os clãs de suas nações.
- 6 Estes foram os filhos de Cam: Cuxe, Mizraim, Fute e Canaã.
- 7 Estes foram os filhos de Cuxe: Sebá, Havilá, Sabtá, Raamá e Sabtecá. Estes foram os filhos de Raamá: Sabá e Dedã.
- 8 Cuxe gerou também Ninrode, o primeiro homem poderoso na terra.
- 9 Ele foi o mais valente dos caçadores, e por isso se diz: "Valente como Ninrode".
- 10 No início o seu reino abrangia Babel, Ereque, Acade e Calné, na terra de Sinear.
- 11 Dessa terra ele partiu para a Assíria, onde fundou Nínive, Reobote-Ir, Calá
- 12 e Resém, que fica entre Nínive e Calá, a grande cidade.
- 13 Mizraim gerou os luditas, os anamitas, os leabitas, os naftuítas,
- 14 os patrusitas, os casquetas, dos quais se originaram os filisteus, e os caftoritas.
- 15 Canaã gerou Sidom, seu filho mais velho, e Hete, Posteriormente, os clãs cananeus se espalharam.
- 16 como também os jebuseus, os amorreus, os girgaseus,
- 17 os heveus, os arqueus, os sineus,
- 18 os arvadeus, os zemareus e os hamatos.
- 19 As fronteiras de Canaã estendiam-se desde Sidom, iam até Gerar, e chegavam a Gaza e, de lá, prosseguiram até Sodoma, Gomorra, Admá e Zeboim, chegando até Lasa.
- 20 São esses os descendentes de Cam, conforme seus clãs e línguas, em seus territórios e nações.
- 21 Sem, irmão mais velho de Jafé, também gerou filhos. Sem foi o antepassado de todos os filhos de Héber.
- 22 Estes foram os filhos de Sem: Elão, Assur, Arfaxade, Lude e Arã.
- 23 Estes foram os filhos de Arã: Uz, Hul, Géter e Meseque.
- 24 Arfaxade gerou Salá, e este gerou Héber.
- 25 A Héber nasceram dois filhos: um deles se chamou Pelegue, porque em sua época a terra foi dividida; seu irmão chamou-se Joctã.
- 26 Joctã gerou Almodá, Salefe, Hazarmavé, Jerá,
- 27 Adorão, Uzal, Dicla,
- 28 Obal, Abimael, Sabá,

29 Ofir, Havilá e Jobabe. Todos esses foram filhos de Joctã.

30 A região onde viviam estendia-se de Messa até Sefar, nas colinas ao leste.

31 São esses os descendentes de Sem, conforme seus clãs e línguas, em seus territórios e nações.

32 São esses os clãs dos filhos de Noé, distribuídos em suas nações, conforme a história da sua descendência. A partir deles, os povos se dispersaram pela terra, depois do Dilúvio.

BÍBLIA ISAÍAS

Cap. 54 Versículo 9

9 "Para mim isso é como os dias de Noé, quando jurei que as águas de Noé nunca mais tornariam a cobrir a terra. De modo que agora jurei não ficar irado contra você, nem tornar a repreendê-la.

BÍBLIA EZEQUIEL

Cap. 14 Versículo 14 ao 20

14 Mesmo que estes três homens - Noé, Daniel e Jó - estivessem nela, por sua retidão eles só poderiam livrar a si mesmos. Palavra do Soberano, o Senhor.

15 "Ou, se eu enviar animais selvagens para aquela nação e eles a deixarem sem filhos e ela for abandonada de tal forma que ninguém passe por ela com medo dos animais,

16 juro pela minha vida, palavra do Soberano, o Senhor, mesmo que aqueles três homens estivessem nela, eles não poderiam livrar os seus próprios filhos ou filhas. Só a si mesmos livrariam, e a nação seria arrasada.

17 "Ou, se eu trazer a espada contra aquela nação e disser: Que a espada passe por toda esta terra, e eu exterminar dela os homens e os animais,

18 juro pela minha vida, palavra do Soberano, o Senhor, mesmo que aqueles três homens estivessem nela, eles não poderiam livrar seus próprios filhos ou filhas. Somente eles se livrariam.

19 "Ou, se eu enviar uma peste contra aquela terra e despejar sobre ela a minha ira derramando sangue, exterminando seus homens e seus animais,

20 juro pela minha vida, palavra do Soberano, o Senhor, mesmo que Noé, Daniel e Jó estivessem nela, eles não poderiam livrar seus filhos e suas filhas. Por sua justiça só poderiam livrar a si mesmos.

BÍBLIA MATEUS

Cap. 24 Versículo 37 ao 39

36 "Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai.

37 Como foi nos dias de Noé, assim também será na vinda do Filho do homem.

38 Pois nos dias anteriores ao Dilúvio, o povo vivia comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca;

39 e eles nada perceberam, até que veio o Dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na vinda do Filho do homem.

BÍBLIA LUCAS

Cap. 3 Versículo 36

36 filho de Ragaú, filho de Faleque, filho de Éber, filho de Salá, filho de Cainã, filho de Arfaxade, filho de Sem, filho de Noé, filho de Lameque,

Cap. 17 Versículo 26 e 27

26 "Assim como foi nos dias de Noé, também será nos dias do Filho do homem.

27 O povo vivia comendo, bebendo, casando-se e sendo dado em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca. Então veio o Dilúvio e os destruiu a todos.

BÍBLIA HEBREUS

Cap. 11 Versículo 7

7 Pela fé Noé, quando avisado a respeito de coisas que ainda não se viam, movido por santo temor, construiu uma arca para salvar sua família. Por meio da fé ele condenou o mundo e tornou-se herdeiro da justiça que é segundo a fé.

BÍBLIA I S. PEDRO

Cap. 3 Versículo 20

20 que há muito tempo desobedeceram, quando Deus esperava pacientemente nos dias de Noé, enquanto a arca era construída. Nela apenas algumas pessoas, a saber, oito, foram salvas por meio da água,

BÍBLIA II S. PEDRO

Cap. 2 Versículo 5

5 Ele não poupou o mundo antigo quando trouxe o Dilúvio sobre aquele povo ímpio, mas preservou Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas.

DA BÍBLIA AOS NOSSOS DIAS

Mario Cavalcanti de Melo

Cap. V §32 (61)

Eis aqui os nomes dos primeiros homens, segundo a tradução grega feita por Philon de Biblos: Aeon, Genos, Phox, Liban, Usou, Helieus, Chrisor, Tecnites, Agrove, Amine. Estão aí as dez primeiras gerações.

Não vemos o nome de Noé, nem de Adão em nenhuma das dinastias egípcias, eles não se encontram tão pouco entre os caldeus; em uma palavra, a Terra inteira guardou sobre eles o mais incompreensível segredo.

Todos os povos, no dizer do grande escritor francês, se atribuem origens imaginárias e nenhum falou a verdade. Não se pode compreender como o pai da humanidade inteira fosse por tanto tempo ignorado; seu nome deveria andar de boca em boca, de um canto a outro do mundo, segundo o curso natural das coisas humanas.

Ousamos afirmar, diz, ainda, Voltaire, que era necessário um milagre para fechar os olhos e os ouvidos de todas as nações, destruir todos os monumentos, toda a lembrança de nossos “primeiros pais”.

"Que teriam pensado, que teriam dito César, Antônio, Crassus, Pompeu, Cícero, Marcellus, Metellus, se um pobre judeu, ao lhes vender baunilha, lhes houvesse dito: "Nós nascemos todos de um mesmo pai chamado Adão". Todo o senado romano teria gritado: "Mostrai-nos vossa árvore genealógica, então o judeu teria desfolhado suas dez gerações até Noé até o segredo da inundação de todo o globo. O senado lhe teria perguntado quantas pessoas existiam na arca para alimentarem todos os animais durante dez meses consecutivos, e durante o ano seguinte, pois que, em virtude do dilúvio não se teria podido fornecer alimento de espécie alguma. O judeu lhe teria respondido: "Nós éramos oito, Noé e sua mulher seus três filhos, Sem, Cão e Jaté, e suas esposas. Toda essa família descendia de Adão em linha reta". (Dictionnaire Philologique-t. 12-pg. 42).

Cícero, diz o filósofo, ter-se-ia informado, sem dúvida, dos grandes monumentos, das testemunhas incontestáveis que Noé e seus filhos teriam deixado de nosso pai comum; toda a Terra depois do dilúvio, teria bradado para sempre, os nomes de Adão e Noé, um, o pai, e o outro, o restaurador do gênero humano. Seus nomes estariam em todas as bocas, nos pergaminhos, desde que os homens se iniciaram na escrita, na porta de cada casa, em todos os templos, em todas as estátuas.

“Que! sabeis de um tão grande segredo e o escondestes! “É que somos puros e sois impuros”, teria respondido o judeu. O senado romano teria rido e lhe teria mandado aplicar umas bastonadas; tanto são os homens arraigados aos seus preconceitos.

NOÉ E SUA MISSÃO

"E abençoou a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a Terra.

"E será o vosso temor e o vosso pavor sobre todo o animal da Terra, e sobre toda a ave do Céu; tudo o que se move sobre a terra e todos os peixes do mar, na vossa mão são entregues.

"Tudo quanto se move, que é vivente, será para o vosso mantimento, tudo vos tenho dado com a erva verde.

"A carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue não comereis.

"E certamente requererei o vosso sangue, o sangue das vossas vidas: da mão de todo o animal requererei; como também da mão do homem, e da mão do irmão de cada um requererei a vida do homem.

"Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem conforme a sua imagem. (Gên. IX, 1 a 6).

ANTES dos versículos citados, um nos diz que Noé ergueu um altar ao Senhor e tomando de todo o animal limpo, e de toda a ave limpa os ofereceu em holocausto; e diz mais, que Deus cheirou o suave cheiro e em sinal de agrado, assim se expressou:

"Não tornarei mais a amaldiçoar a Terra por causa do homem, porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice; nem tornarei a ferir todo o vivente, como fiz."

"E enquanto a Terra durar, sementeira e saga, frio e calor, verão e inverno, dia e noite, não cessarão".

Este Deus pelo seu proceder e pelo seu constante arrependimento é o mais versátil de todos os seres. De vez em quando ele tropeça em erros cometidos, e acusado pela voz da consciência faz uma declaração pública, e promete não mais cometer tais erros.

Um homem esclarecido, lendo esses dois versículos da Bíblia e procurando, no Levítico, quais os animais puros, e conhecendo que estes são todos aqueles que têm unhas fendidas e a fenda das unhas dividida em duas, e que removem, e mais, que em matéria de aves, são as que não foram proibidas por Moisés e que dos répteis que se podem comer são os que voam, que andam sobre quatro pés, etc., certamente concluirá que há um exagero grande demais para ser aceito. Se a Bíblia nos dissesse que o patriarca Noé ofereceu no altar improvisado, um boi, uma ovelha, uma galinha e mais alguns animais, não teremos o direito de duvidar, muito embora, desfalcasse ele os casais que Jeová ordenou fossem conservados para a perpetuidade da espécie. Mas, da forma pela qual nos conta o Gênesis, não há quem possa engolir pílula tão indigesta.

Vejamos, mais uma vez, o quanto é humano o Deus de Moisés:

Este é o sinal do concerto que ponho entre mim e vós, e entre toda a alma vivente, que está convosco, por gerações eternas: "O meu arco tenho posto nas nuvens, este será por sinal do concerto entre mim e a Terra. "E acontecerá que, quando eu trazer nuvens sobre a Terra, aparecerá o arco nas nuvens. "E então me lembrarei de meu concerto, que está entre mim e vós, e ainda toda a alma vivente de toda a carne; e as águas não se tornarão mais em dilúvio, para destruir toda a carne.

"E estará o arco nas nuvens, e o verei, para me lembrar do concerto eterno entre Deus e toda a alma vivente de toda a carne, que está sobre a Terra". (Gên. IX, 12 a 16) .

Há homens na Terra que para cumprirem os seus compromissos não precisam de sinal algum que os venham lembrar, além da memória que Deus lhes deu. Pois bem, Jeová de Moisés era tão esquecido, que, para lembrar-se do compromisso assumido com ele e com os demais animais viventes, necessitava do arco-íris, para não faltar ao prometido. E tudo isso, segundo Moisés, foi ditado pelo próprio Deus. Será possível que havendo raciocínio neste mundo, ainda haja quem aceite esta história de mil e uma noites?

A história do dilúvio, diz Taxil, se completa com dois episódios interessantes: a embriaguez de

Noé, e a torre de Babel.

"Noé que era lavrador, foi o primeiro que plantou a vinha. — Ora, tendo tomado do vinho, se embriagou e se estendeu nu em sua tenda. — E Cão, pai de Canaan⁷ tendo visto a nudez de seu pai, saiu e deu conhecimento disto a seus dois irmãos. — Então, Sem e Jafé tomaram um manto e marchando de costas, cobriram o sexo de seu pai e não olhando para trás, não viram suas vistas a nudez de seu pai". (Gên. IX, 20 a 23) .

Assim, Sem e Jafé se conduziram respeitosamente, como bons filhos, apiedados, que se sentiram na nudez de seu progenitor, enquanto Cão agiu de modo contrário, embora não saibamos que grande mal havia naquilo. Mas uma maldição não podia tardar; ides ver quem a recebeu.

"E tendo Noé despertado, soube que seu filho menor lhe fizera e disse maldito seja Canaan; servo dos servos seja a seus irmãos".

"Bendito seja o Senhor Deus de Sem, e seja-lhe Canaan por servo".

"Alargue Deus a Jafé e habite nas tendas, e seja-lhe Canaan por servo". (Gên. IX, 24 a 27) .

Eis, como foi amaldiçoado o jovem Canaan, que não havia zombado de seu avô. Não é admissível acreditar que mal terminasse Noé de cozinhar a sua bebedeira, pronunciasse sua sentença; e esta sentença injusta foi integralmente confirmada por Jeová.

As expressões: "*Bendito seja o Senhor Deus de Sem....*" não dá a entender que outros eram os deuses de seus outros filhos. O que não se daria se a exclamação fosse: "*Bendito seja Deus que abençoará Sem, etc. . . .*"

Os teólogos estão acordes em reconhecer que Noé concedeu a Ásia a Sem, a Europa a Jafé e a África a Cão. Canaan e Cão se tornaram negros, e ele e sua raça foram desdenhados. Como seria possível que os filhos de Noé gerados do mesmo pai e da mesma mãe se tornassem os chefes de três raças diferentes, raças a que pertenceram e a que legaram as características que elas possuem? Perderíamos o nosso tempo se nos dispuséssemos a decifrar tais charadas. É necessário, então, aceitar que Sem descende da raça asiática de pele amarela; Jafé da raça branca ou europeia e Cão e Canaan, da raça negra ou africana. Mas, e os peles vermelhas da América, de quem descendem? O Espírito Santo se esqueceu naturalmente de dizê-lo ao escrivão da Bíblia, ou a raça cor de cobre não teve pai. Milagre e mistério!. . . Mas é que naquele tempo não se conheciam os peles vermelhas para que se pudesse inventar um novo filho para Noé.

Há lendas de outros povos que não podem deixar de figurar neste livro, porque demonstram como os autores do "Pentateuco", a começar pelo grande sacerdote Hilquias e seguindo a sequência daqueles que meteram a mão na confecção dos livros atribuídos a Moisés, tornando-os cada vez mais embaraçosos e contraditórios, eram hábeis compiladores.

Todos sabem que as doutrinas antigas, quase sem exceção, eram conservadas e ensinadas no interior dos santuários. Não é de admirar, pois, que a religião hebraica que, como as demais, não podia se bastar a si mesma, fosse beber em fontes mais antigas, as suas lendas.

Como o Noé da Bíblia, o Noé dos brâmanes. Satyaurata, teve três filhos. Depois de sua saída do barco salvador, ele bebeu uma espécie de licor de arroz, embriagou-se e adormeceu desnudo. Seu filho Charma o viu neste estado e chamou rindo seus irmãos. Os dois outros filhos em vez de zombarem de seu pai, antes o cobriram com seus vestidos.

Satyaurata despertando, e sabendo do que se havia passado, amaldiçoou Charma e lhe disse: "*Tu serás o servidor dos servidores de teus irmãos*".

Não há para onde apelar. Se a Índia, e ninguém ousará afirmar o contrário, é uma civilização muito mais antiga que a hebraica, se seus livros existem muito antes daqueles atribuídos a Moisés, é lógico que os autores do "Pentateuco" fossem buscar essa lenda de Noé entre os hindus.

Mais uma vez fica patenteado que a Bíblia nada possui de original.

* * *

Não pretendemos encerrar este capítulo sem que lhe acrescentemos mais algumas considerações que reputamos importantes.

Com relação ao arco-íris há qualquer coisa que nos causa espécie. Procuremos aclará-la! O texto sagrado não diz: “*Meu arco que está nas nuvens será doravante o sinal de meu pacto*”, mas “*Eu porei meu arco nas nuvens*”; o que nos faz supor que antes não havia arco-íris. Foi isto que fez pensar que antes do dilúvio universal não havia chovido, pois o arco-íris é formado pelas refrações e reflexões dos raios do Sol nas gotas de chuva. É claro, assim, que a Bíblia não nos foi dada para nos ensinar Física.

"Noé não passou por ser o inventor da vinha entre os judeus; pois, entre todas as outras nações se admite que foi Bak ou Bacchus o primeiro que ensinou a arte de fazer vinho. É surpreendente que Noé, o restaurador do gênero humano, seja ignorado de toda a Terra: mas ainda é mais estranho que Adão tenha sido mais ignorado que Noé." (75) .

Voltaire, depois da citação acima, nos apresenta o filósofo Philon e sua opinião a respeito da invenção do vinho. Eis como **este** judeu de tradição já bem antiga fala na narrativa que fez de sua deputação junto a Caio Calígula:

"Bacchus le premier planta la vigne, et en tira une liqueur si utile et si agreable au corps et à l'esprit, qu'elle leur fait oublier leurs peines, les réjouit, et les fortifie". (76).

"Bacchus foi o primeiro a plantar a vinha e dela extraiu um licor muito útil e agradável ao corpo e ao espírito, pois ele faz esquecer as tristezas, reconforta e fortifica".

Como é possível que Philon, tão arraigado a sua seita não reconhecesse Noé como inventor do vinho?

Outra coisa que causa espécie aos comentadores é o fato de Jeová não haver feito um pacto, apenas, com os homens, mas, também, com os animais. É opinião geral que estes tinham raciocínio como nós, o que ainda não foi contestado. Ora, como conceber que um Deus fosse capaz de assumir um compromisso com leões, tigres, elefantes, asnos, ao mesmo tempo que com os homens?

Um autor alemão escreveu, segundo Voltaire, que se tratava de um pacto de família. Eis porque no “Levítico” se punia igualmente os animais e os homens. que juntos cometessem o pecado abominável da carne. Era proibido aos animais trabalhar no sábado.

O “Eclesiastes” diz: “*que os homens são semelhantes aos animais, que aqueles nada têm a mais que estes*”. Jonas em Nínive fazia jejuar animais e homens. Sem, Cão e Jafé são representados como havendo reinado na Europa, na Ásia e na África; pois Eusébio disse que Noé, por seu testamento, deu toda a Terra a seus três filhos: a Ásia a Sem, a África a Cão, e a Europa a Jafé. Ora, pensando bem, não é amaldiçoar Cão, dar-lhe a terceira parte do mundo. Não é possível conciliar a maldição com uma bênção tão prodigiosa.

É difícil compreender, como os três filhos de Noé deixaram seu pai, que se embriagou provavelmente na Armênia, para reinar em partes do mundo onde não havia ninguém. Antes de ser possível reinar sobre um povo, é preciso que este povo exista.

"Por estes foram repartidas as ilhas das nações nas suas terras, cada qual segundo a sua língua, segundo as suas famílias, entre as suas nações". (X. 5) .

Por esta transcrição, que não foi inventada, fica demonstrado que os descendentes de Noé falavam cada um, uma língua diferente, o que, de qualquer forma, vem contradizer a história da Torre de Babel quando Deus confundiu as línguas que eram “uma só na face da Terra”. Estas obscuridades existem em cada página da Bíblia e não podem ser clareadas senão por uma fé cega e

incondicional que mate no homem todo o poder de raciocínio.

Como se pode compreender que todos os homens falassem uma mesma língua, quando é o próprio autor que nos diz que cada povo tinha a sua língua diferente? Como é possível haverem surgido depois do dilúvio universal tantos povos? O espírito humano não achará nunca solução para estas dificuldades; terá forçosamente que aceitar o milagre.

Muito poderíamos acrescentar a esta história de Noé; mas vamos dar uma trégua ao leitor.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Alan Kardec

CONSIDERAÇÕES E CONCORDÂNCIAS BÍBLICAS REFERENTES À CRIAÇÃO QUESTÃO 59 §7

A Ciência, de acordo nisso com Moisés, coloca o homem em último lugar na ordem da criação dos seres vivos. Todavia, Moisés indica o dilúvio universal no ano 1654 do mundo, enquanto a Geologia nos mostra o grande cataclismo anterior à aparição do homem, atendendo que, até hoje, não se encontrou nas camadas primitivas qualquer traço de sua presença, nem de animais da mesma categoria sob o ponto de vista físico. Mas nada prova que isso seja impossível. Várias descobertas já fizeram surgir dúvidas a tal respeito. Pode ocorrer que, de um momento para outro, se adquira a certeza material dessa anterioridade da raça humana, e então se reconhecerá que, sob esse ponto, como sobre os outros, o texto bíblico é uma alegoria.

A questão é de saber se o cataclismo geológico é o mesmo a que assistiu Noé. Ora, o tempo necessário à formação das camadas fósseis não permite mais confundi-los e do momento em que se encontrem os vestígios da existência do homem antes da grande catástrofe, ficará provado, ou que Adão não foi o primeiro homem, ou que a sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência não há raciocínios possíveis, e seria preciso aceitar esse fato como se aceitou aquele do movimento da Terra e dos seis períodos da Criação.

A existência do homem antes do dilúvio geológico, em verdade, é ainda hipotética, mas, eis aqui o que o é menos.

Admitindo-se que o homem apareceu pela primeira vez sobre a Terra, 4000 anos antes de Cristo, se 1650 anos depois toda a raça humana foi destruída, à exceção de uma só família, disso resulta que o povoamento da Terra data de Noé, quer dizer, de 2350 anos antes da nossa era. Ora, quando os Hebreus emigraram do Egito, no décimo- oitavo século, encontraram esse país muito povoado e já bem avançado em civilização. A história prova que nessa época a Índia e outros países estavam igualmente florescentes, sem mesmo se levar em conta a cronologia de certos povos que remontam a uma época bem mais recuada. Seria preciso, pois, que, do vigésimo-quarto ao décimo-oitavo século, quer dizer, num espaço de 600 anos, não somente a posteridade de um único homem pudesse povoar todos os imensos países então conhecidos, supondo-se que os outros não o fossem, mas que, nesse curto intervalo, a espécie humana pudesse se elevar da ignorância absoluta do estado primitivo, ao mais alto grau de desenvolvimento intelectual, o que é contrário a todas as leis antropológicas.

A diversidade das raças vem, ainda, em apoio desta opinião. O clima e os costumes produzem, sem dúvida, modificações nos caracteres físicos, mas se conhece até onde podem chegar as influências

dessas causas, e o exame fisiológico prova que há, entre certas raças, diferenças constitucionais mais profundas que aquelas que podem o clima produzir. O cruzamento das raças produz os tipos intermediários. Ele tende a apagar os caracteres extremos, mas não os produz; apenas cria variedades. Ora, para que houvesse cruzamento de raças era preciso que houvesse raças distintas, e como explicar sua existência dando-lhes um tronco comum e, sobretudo, ainda próximo? Como se admitir que, em alguns séculos, certos descendentes de Noé se transformaram a ponto de produzirem a raça etíope, por exemplo? Uma tal metamorfose não é mais admissível que a hipótese de um tronco comum para o lobo e o cordeiro, para o elefante e o pulgão, para o pássaro e o peixe. Ainda uma vez, nada pode prevalecer contra a evidência dos fatos. Tudo se explica, ao contrário, em se admitindo a existência do homem antes da época que lhe é vulgarmente assinalada; que as origens são diversas; que vivendo há seis mil anos, Adão tenha povoado uma região ainda desabitada; o dilúvio de Noé como uma catástrofe parcial confundida com o cataclismo geológico; tendo-se em conta, enfim, a forma alegórica particular ao estilo oriental e que se encontramos livros sagrados de todos os povos. Por isso, é prudente não se negar, apressadamente, como falsas, doutrinas que cedo ou tarde, como tantas outras, podem desmentir aqueles que as combatem. As ideias religiosas, longe de perderem, se engrandecem, caminhando com a Ciência; esse é o único meio de não apresentarem, ao ceticismo, um lado vulnerável.

ADÃO E EVA

J. Herculano Pires

NOÉ, O NOVO ADÃO

Sete quis verificar o que realmente se passara com a Arca de Noé, O que se dizia a respeito era simplesmente incrível. Sua: construção da barcaça gigantesca exigiria milhares de trabalhadores, madeira e ferro em quantidade incalculável. Sete não acreditava que Noé tivesse reunido na barcaça o número espantoso de animais que deveria salvar do Dilúvio, e perguntava a si mesmo se Deus não poderia reunir esses animais no Éden, ao invés de confiar a Noé tão grande e complicada tarefa. Mas estava certo de que Noé fizera uma barcaça e a enchera com a sua família e animais de toda a espécie. Mas queria ver como ele conseguira fazer esse prodígio. Ao que diziam, a Arca fora arrastada pelas águas do Dilúvio sem que ninguém pudesse dirigi-la. Flutuou à deriva e sujeita a espatifar-se num rochedo ou pico de algum monte da região inundada, causando a destruição de toda a sua enorme lotação de homens e animais. Mas os Anjos de Iavé a protegeram e a levaram às encostas do Monte Ararat, onde abordara e se acomodara perfeitamente nas entranhas que formavam um porto favorável. Sempre em companhia de Eliá, de cujo juízo crítico e estímulo necessitava, Sete conseguiu descobrir, depois de muitas andanças por águas e terras, restos de uma embarcação numa encosta do famoso monte. Ninguém dava notícias de outra e todos afirmavam que aquelas torturadas costelas de uma enorme barcaça eram os restos da Arca de Noé. Tudo lhe parecia muito estranho e o que lhe parecia mais provável era que a Arca tivesse se espatifado naquele lugar. Não encontrou no monte os sinais que, segundo diziam, Noé e seus familiares haviam deixado como prova do prodígio. Quanto a Noé e seus filhos com toda a parentela, dizia-se que se haviam dispersado no mundo para reconstruí-lo e repovoá-lo- A descendência de Adão fracassara e Deus transformara Noé no Novo Adão que teria de refazer a Nova Raça ou até mesmo produzir outra.

Dizia-se que Noé havia erguido um altar a Iavé, para agradecer as graças que lhe haviam

sido dispensadas, mas esse altar não aparecia em parte alguma. Não obstante, por toda parte Sete encontrava pessoas bem-informadas sobre a Arca, seu roteiro ao léo das águas, seu pouso no Ararat e as cerimônias promovidas após a bebedeira do Patriarca. Contavam com entusiasmo como Noé se servira do corvo e da pomba para saber da situação do mundo avassalado pelo dilúvio e como Iavé falara a Noé no monte Ararat confiando-lhe a missão de Novo Adão. Encontrou mesmo quem lhe falasse da destruição total da grande cidade de Ur, que a águas diluvianas haviam tragado em poucas horas, com toda a sua população e seu famoso comércio. Tudo isso era interessante e muitas vezes parecia convincente, mas Sete e Eliá acabavam sempre perguntando: “Como aceitar tudo isso, se o mundo não acabou, se eles mesmos continuavam vivos nas proximidades da grande enchente, por sinal periódica, do delta do Eufrates com o Tigre? Eliá chegou a dizer: “Estamos buscando provas do que não aconteceu. Lembra-te, Sete, de quando fomos à região marcada como aquela em que existiu o Jardim do Éden, em que Iavé tirou teu pai e tua mãe do barro, e nem mesmo barro encontramos, pois lá só havia areia de deserto? Falava-se numa tempestade de areia que havia posto fim ao Éden ao mesmo tempo se dizia que o Éden fora tragado por um dos muitos dilúvios do Delta. Tivemos de aceitar que Iavé fizera destruir o Éden porque a finalidade desse prodigioso país era somente gerar Adão e Eva. Por sinal de que te sentiste muito vaidoso com Isso, que dava maior glória à tua linhagem adâmica.”

Sete sorriu constrangido, mas confessou que realmente se julgara muito mais importante com aquela conclusão. Eliá observou: “É certo que estamos bem próximos da era em que o mundo nasceu. Acredito que muitas coisas ligadas à Gênese ainda acontecem Terremotos que destroem países e civilizações, dilúvios que destroem regiões inteiras com toda a sua população, erupções de cadeias de vulcões calcinando regiões outrora férteis, tudo isso e muito mais do que isso acontece, está acontecendo. Por isso mesmo surgem também muitas fábulas em que multidões acreditam. Essas fábulas são feitas de pedaços de coisas acontecidas e pedaços de coisas imaginadas. O difícil é a gente separar as duas coisas e provar que isto existiu e aquilo não passou de produto da imaginação. No caso do Dilúvio de Noé pudemos pelo menos provar que ele fracassou. Mas esteja certo, querido, que essa prova só servirá para nós dois. Quanto mais passar o tempo, mais pessoas encontraremos afirmando que o Dilúvio foi o extermínio da Terra de Iavé, e que Noé salvou em sua arca fantasma o necessário para que o mundo voltasse a existir.”

Sete achava muita graça na estória do corvo e da pomba. Noé abria uma janela da sua barcaça, espiava a imensidão das águas afogando a Humanidade toda e toda a bicharada, e pensava como podia saber se o dilúvio acabara. Para tirar a dúvida, soltava o corvo, que voava inspecionando as águas e regressava à Arca, pois não tinha onde pousar senão ali. Depois soltava uma pomba, que também voava e retornava à Arca. Noé era mais gentil com a pomba, segundo diziam, pois quando esta retornava ele estendia a mão e a gentil pombinha pousava nela. "Acho — dizia Sete — que Noé se divertia com isso, para descansar um pouco da ferveira da Arca, com gente e bichos amontoados, leões urrando de fome, bois e vacas mugindo, águias guinchando e assim por diante. É evidente que ele tinha de procurar alguma distração. Só a sua família, com filhos, genros e noras, netos e bisnetos a fazer barulho já era suficiente para enlouquecê-lo. Por isso, ao invés de apenas olhar pela janela e ver que o Dilúvio continuava, Noé soltava ora o corvo, ora a pomba, e ficava a olhá-los em seus voos e com isso aliviar a sua tensão nervosa. Que necessidade havia de soltar essas aves para verificar o que ele estava vendo pela janela?

Eliá como sempre, dava uma explicação ao caso: “Meu querido, não seja injusto com o velho Noé, que provou sua inteligência e habilidade construindo a Arca. Acontece que o momento era grave, gravíssimo. Iavé ordenara às águas de apenas dois rios, que só abrangem uma pequena parte da Terra, a inundarem por completo o mundo inteiro. Os rios fizeram o possível e a Humanidade perecia por afogamento, a Humanidade inteira. Só se salvaram os homens e os animais privilegiados que Iavé abençoara. Noé via o nível das águas e imaginava o número de cadáveres que nelas devia

flutuar, embora não aparecessem no seu campo visual. O corvo é animal carnívoro, devorador de cadáveres, incumbido de manter a limpeza da Terra. Além disso, é ave agoureira, empregada na magia negra para vários fins. Noé, como Novo Adão, devia, possuir um pouco da virtude de falar com os animais, que o seu pai possuía. A função do corvo era mais ampla do que pensas. Ele grasnava o seu relatório a Noé, dando-lhe conta da devastação do Dilúvio e das possibilidades futuras desse estrago universal que Deus fazia em sua própria obra. A pomba, pelo contrário, é a ave da paz, da alegria, da vida tranquila e feliz. A função da pomba era contar a Noé, nos seus arrulhos edênicos, quanto a ira de Iavé se aplacara, diante da matança indiscriminada por afogamento no mundo inteiro. Como Noé conhece com precisão o alcance de voo do corvo e da pomba, era-lhe fácil considerar a situação do mundo em cada viagem dessas aves sobre as águas.”

Os estragos causados pelo Dilúvio no Delta do Eufrates e do Tigre foram assustadores. Toda a cidade de Ur mergulhou nas águas que, com seus aluviões de terra, acabaram soterrando-a. Uma terrível camada de lodo estendeu-se pela região, destruindo propriedades e soterrando homens e animais. O próprio Éden desapareceu totalmente, sem deixar vestígios. Mas o precário dilúvio parcial, que foi parcialíssimo, deixou intactas as regiões circundantes, por falta de água. Noé, calculando o estrago pela reduzida mostra que o corvo e a pomba lhe davam, imaginava uma hecatombe universal da espécie humana. Certamente não supunha que Iavé dispusesse de meios para levantar as águas de todos os rios do mundo e de todos os mares, o que não aconteceu. Servido particularmente por Querubins, anjinhos de voo curto, Iavé não tinha uma visão precisa da extensão e grandeza do mundo. Talvez por isso, aborrecido com esse fracasso inegável, Noé resolveu descer as escarpas do Monte Ararat, na encosta oposta àquela em que desembarcou, e desaparecer com sua gente em direção a regiões longínquas, como Caim fizera depois de matar Abel. Consta que, posteriormente, surgiram nos céus poderosas escoltas de Serafins, comandadas por Arcanjos de longas asas, para levantar os estragos produzidos pela tentativa frustrada de Iavé. E chegou-se mesmo a falar num processo de responsabilidade movido contra Iavé perante a Corte do Juízo Celestial.

Apesar de todos esses rumores, o que ficou registrado nos livros sagrados foi que, no altar que Noé levantou para Iavé, este apareceu e estabeleceu com Noé uma Aliança de grande importância para toda a Humanidade. Essa aliança estabeleceu obrigações de paz e amor entre os homens e Deus, que por sua vez se compromete a não decretar mais nenhum dilúvio. Tudo o que vive e se move na Terra é entregue ao homem para seu alimento, mas nenhuma carne deve ser ingerida com vida, ou seja, com o sangue onde palpita a vida. Iavé declara que exigirá para ele todo o sangue dos animais e do homem. Fica assim estabelecida uma divisão significativa: ao homem cabe tudo o que é matéria e a Deus o que é espírito. Mas o espírito é o sangue. E de tal maneira esse terrível Deus gosta de sangue, que incluiu na Aliança esta ordenação: “Sede fecundos e multiplicai-vos. Povoai a Terra, multiplicai-vos sobre ela.” Como sinal da Aliança haverá no Céu a projeção do Arco-íris. Noé cochilou nesse momento, pois devia lembrar a Iavé que o Arco-íris existia muito antes da Aliança.

Eliá, com sua perspicácia de filha do homem, percebeu essas negações de Deus e comentou com Sete: “Iavé não pode ser o próprio Deus. Deve ser um esperto advogado da Corte Celestial que Deus nomeou seu procurador na Terra. Além dessa trapaça de Aliança, há também a dos alimentos.. Desde que o primeiro homem apareceu na Terra, as plantas e os animais estiveram sempre à sua disposição para alimentar-se. Quanto à promessa de não mais provocar dilúvio é também uma trapaça. Desde que o mundo existe existem inundações por toda parte. Tenho a impressão de que o dilúvio de Noé serviu de pretexto para que os homens, atemorizados, firmassem esse contrato unilateral com Deus. O homem não tem nenhuma vantagem nesse documento, mas Deus quer sangue e exige que ele se multiplique até cobrir toda a Terra, como um negociante de cereais exige do financiado a produção total da terra que cultiva. De nenhum poder dispõe o homem para exigir de Deus o cumprimento dos compromissos assumidos. A que Corte reclamará o homem se as

inundações continuarem. A que tribunal apelaré no caso de escassez alimentar? Ah, meu amado Sete, essa Aliança justifica os que procuram a outra Potência, a Infernal, e entregam-lhe a alma para viverem na Terra dos Homens à tripa forra.” Sete a tomou nos braços e blasfemou: “O meu sangue não me importa, mas o teu é meu e não o dou a ninguém e a nenhum Deus Vampiro da Terra ou do Céu! E chega, minha querida, de agora em diante paramos com a multiplicação!” Dali em diante amaram-se com as precauções ensinadas por um mago babilônio, precursor remoto dos métodos modernos de controle na natalidade.

Na manhã seguinte a essa decisão de Sete e Eliá o Arco da Aliança apareceu nas nuvens. Era um arco nítido, perfeito nas cores luminosas do espectro, ligando em sua curva regular a fímbria dos horizontes de leste e sudoeste. Era rara uma aparição tão perfeita do Arco-íris. Por toda parte aglomeravam-se pessoas curiosas, admiradas ou assustadas. Sete e Eliá admiravam a beleza daquele sinal do céu. Mas essa expressão, que para eles nada mais representava do que um sinal comum produzido por reflexos do sol na água, para outras criaturas representava presságios ou ameaças divinas. Muitos exclamavam: “O sinal da Aliança de Deus com os homens e todas as criaturas viventes. Abençoado seja Noé e toda a sua família, toda a sua descendência, pois com sua Arca nos livrou de perecer no Dilúvio e obrigou Iavé a firmar a Nova Aliança!” Eliá prestou atenção naquelas palavras: “e todos os seres viventes”, e disse a Sete: “O documento da Aliança é eterno, segundo os seus termos. Além do homem, quais são os seres viventes que assinaram esse tratado de armistício?” Sete respondeu sorrindo, pois já imaginava o que Eliá queria dizer: “Os animais.” “Quem assinou por eles?” “Claro que o dono da Arca, o Salvador da Espécie Humana, Noé.” Eliá apertou-lhe o braço e perguntou: “Quais os direitos concedidos aos animais?” Sete deu uma gargalhada: “servir-nos eternamente de alimento, contanto que reservemos o sangue de todos eles a Deus.”

Um homenzinho de pouco mais de metro e meio de altura, de rosto chupado e magro, curtido pelo tempo e as vicissitudes da vida aproximou-se deles e protestou: “Queiram ter a bondade de não faltar com o devido respeito à Sagrada Aliança, na presença celeste do sinal de Iavé!” Sete o olhou de alto a baixo e teve pena daquela criaturinha desprovida de tudo. “Senhor — replicou Sete — o Sinal da Aliança está no céu desde todos os tempos, desde que Iavé fez Adão com o barro da terra no Jardim do Éden. Sempre que chove e as águas refletem a luz do sol, o Arco íris aparece nas nuvens.” O homenzinho estremeceu como se levasse um susto. Empertigou-se e disse: “É por causa dessa impiedade que a peste e a guerra se espalham no mundo. Se vós, os jovens, não aprenderem a respeitar Iavé e seu filho dileto, Noé, o Novo Adão, estaremos ameaçados de sofrer por milênios no barro da terra.” “Então, respondeu Sete, quereis dizer que o nosso Deus é mau e vingativo?” Os olhinhos de cobra do homenzinho avermelharam, suas faces se tornaram cinzentas e ele disse a palavra de nojo e desprezo: Raca! A seguir, disparou por um trilho do campo, sem olhar para trás. Não queria comprometer-se com idólatras na presença do Arco da Aliança, que equivalia à própria presença de Deus.

ÀS MARGENS DO EUFRATES

DOLORES BACELAR - JOSEPHO (ESPÍRITO)

O silêncio crescia com a minha solidão. Só. Eu estava só, talvez na Terra. . . Como vingar-me então dos homens? O silêncio asfixiou-me toda a mente. . . Mergulhei em inconsciência completa. Parecia caído em um vácuo.. .

Acordei da atonia em que me abismara ouvindo vagos sons. Vinham em confusão. Aproximavam-se cada vez mais... Já podia distingui-los. Sim. . . eram vozes humanas! E eu conhecia aquelas vozes. . . eram as dos Filhos dos Homens.

E agora, sons bárbaros, como tantãs selvagens, sons de orgias estremeciam-me as carnes. . .

O ar, impregnado de luxúria, abrasava! Os cânticos lúbricos chegavam até a mim, convidando-me ao prazer.

Toda a Humanidade estremecia na volúpia dos pecados. Até os animais, os répteis e as aves estavam corrompidos! “Toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra.. .”¹.

Sempre preso ao limo filamentosos das águas do Eufrates, vinham aos meus ouvidos os rumores da degradação geral.

Ouvi, certa vez, uma voz clara e possante, que me recordou a de Methusael. Convidava os homens ao arrependimento e à penitência. . . Porém, um brado insano de ridicularias abafara-lhe as palavras.

Gritavam em meio de risadas estridentes:

— É Noé! Não o ouçam, está louco! Passa os dias construindo uma Barca de gofer². Diz que foi ordem de Deus e que nela vai salvar-se das águas. . . De que Deus, velho louco? São tantos os deuses nesta Terra! Ah! Ah! Ah! Vem afogar-te em vinho! Não bebes, velho tolo? Fazes mal. . . O vinho alegra a vida! Canaan, o teu filho mais novo, conhece-lhe o valor. . . Ele não é como os irmãos Sem e Japhet. . . Vem conosco, velho senil, beber ao presente! Deixa que este mundo pereça. . . Ele é muito triste apesar do vinho. . .

E as ridicularias e risadas perderam-se ao longe...

Imergi em novo marasmo. O tempo para mim estacionara. Volvi dessa emaciação sentindo que as águas começavam a subir. E subiram tanto que pareciam tocar nos céus. . .

Um desejo imenso de ver a terra deu-me forças, desprendendo-me da pedra, afinal. . . Elevei-me à superfície. Com avidez, busquei a terra! Desaparecera toda ela. . . Unicamente vi céu e água, água e céu. E sobre as águas, boiando, cadáveres e destroços. . . Cadáveres de homens, aves e animais. Todos confundidos na mesma fúria líquida, na mesma putrefação.

Quis fugir daquele mundo morto, daquela humanidade sem vida... Bracejei, desesperado! Senti afundar me novamente... Apeguei-me a algo viscoso, mas se desfez em minhas mãos. . . era um cadáver. Gritei por socorro! Apelei para Deus. . . Clamei por Ele. . . Orei, suplicando misericórdia. Chorava. . .

Respondeu-me aos apelos um lamento de criança. Olhei e vi mísero ente, um menino debatendo-se na água. . . Fitava-me suplicando auxílio. . . Pobre!. . . Que poderia eu fazer em socorro dele, se tão necessitado também eu estava? Porém, singular piedade invadiu-me a Alma. . . Aproximei-me da criança, vencendo a fúria das águas. Tomei-a nos braços. . . Ela me sorriu e seu sorriso deu-me Vida.

Força estranha elevou-me daquela Humanidade em destruição. Desprendendo-se dos meus braços, sorrindo divinamente, a criança apontou-me o Infinito e desapareceu como o Sol, em luz!

Olhei a Terra. A água que a cobrira, baixava de nível... Ao longe, uma Barca de gofer vagava. Do seu imenso bojo subiam aos Céus cânticos de Esperança!

Que civilização floresceria daquele deserto líquido?

Um corvo esvoaçou sobre o último cadáver.

As águas baixavam lentas. Ao longe, a Barca de gofer pousava docemente no Ararat.

- Recomendamos a leitura de toda a obra

O ALVORECER DA ESPIRITUALIDADE

DOLORES BACELAR - JOSEPHO (ESPÍRITO)

Eu não morreria. . . No leito do rio, sentia-me vivo naquele mundo líquido. Peixes picavam-me as carnes continuamente, mas não me destruíam o corpo. . . Sofri a dor da putrefação, entretanto a carne conservava-se sempre intacta, não se desfazia. . . O ódio que conservava na Alma

alimentava o meu estranho viver.

Lutava por livrar-me da pedra que me prendia no leito do Eufrates. Haveria de libertar-me um dia. . . Ai dos homens, então! Ai de Débora. . . ai do mundo!

Veze outras, ouvia vozes na superfície. Gritava, mas ninguém me respondia. . . Sobre as águas, a brisa cantava nas folhagens do sésamo e dos painços.

Os sons externos chegavam-me nítidos e claros. Sentia, na época da fusão do gelo, o rio transbordar em inundações; depois, quando as águas volviam ao leito, escutava o canto das mulheres na sementeira dos trigais. . .

E eu preso ali, enquanto a Vida lá fora estuava exuberante!

Os sucessos da tribo chegavam até a mim através de palavras soltas que as águas me traziam. Uma vez ouvi um lamento de mulher. . . era a voz de Leah chorando a morte de Methusala. Regozijeime com a sua dor.

Outra, foi um brado de alegria que me chegou aos ouvidos: nascera mais um filho a Lamech, Noé. Maldito fosse ele!. . .

Nas margens do Eufrates, em meio aos juncos, os namorados vinham, acumpliciados pela noite cálida, entoar suas baladas de amor. E eu preso, preso. . . Malditas águas! Malditos homens!. . .

Certo dia ocorreu-me um pensamento: se Javan vivesse, arrancar-me-ia daquele abismo líquido, daquela profundidade. . .

E como se ele me tivesse ouvido, senti a presença de meu irmão. Javan me estendia os braços e sua voz soava terna:

— Paz em Deus, Josepho! Estás livre, pobre irmão. . . Apenas acorrentas a Alma nas malhas vibratórias dos maus pensamentos. Reconcilia-te com Deus e as Suas criaturas, e sairás deste abismo de trevas em que te aprisionas.

— Não morreste?! como podes falar?

— Quando morremos sem ofender ao Altíssimo, ressuscitamos em Espírito, Josepho.

— Ressuscitaste?

— Bem vêes que sim.

— Então, liberta-me. . . livra-me desta maldita pedra. Quero voltar à terra. Preciso vingar-me. . .

— Pobre irmão. . . Deste estado, só tu poderás libertar-te. Não percebes, Josepho, que deixaste a Terra há anos?

— Anos? impossível! Eu não morri. . . Sinto-me vivo. . .

— Sim, estás vivo na ilusão da matéria a que te apegaste. Tenta sentir-te. . . Não possuis mais substância material, és essência, Alma, Espírito. Tenta, irmão, em nome de Deus. . .

— Não me venhas com teu Deus! Bem sabes que não creio n'Ele. . . Não passa de invenção dos velhos para atemorizar os novos. Vai-te. . . Não és mais que um sonho. Se fosses Javan, libertar-me-ias. . . Desaparece! Não quero ver-te. . .

— Repeles-me, Josepho, mas eu te perdoo. . . Compreender-me-ás um dia. Eu te amo. . . Partimos juntos, há milênios, do paraíso que perdemos. . . lembras-te, irmão? Deixamos no ponto sul do Infinito, a fulgir na glória divina de um novo impulso evolutivo, o nosso mundo, Capela. Tu desesperavas, inconformado com a deliberação imposta pelos dirigentes do Cosmos; eu chorava, arrependido de não ter ouvido a voz do Amor, privando-me assim de comungar no hostiário divino das conquistas espirituais que usufruíam os nossos irmãos, tão plenos de piedade e virtudes. A Terra acolheu, amorosa, os exilados de Capela, os degredados da Felicidade. . . — fez pequena pausa e continuou:

— No Infinito distante deixamos a nossa Alfa, o princípio de nossa Vida. A Terra não se nos apresentava como o Ômega, o fim, não; sim como um meio de volvermos ao paraíso, à nossa Capela perdida que, no límpido azul do hemisfério boreal, há quarenta anos-luz desta Terra que nos abrigara, acenava-nos em fulgurações de sol imenso. Ao aportar aqui, trazíamos, no âmago das almas, saudade estranha de um Bem perdido, saudade que nos daria coragem e força de lutarmos por conquistas de Altas Virtudes, e fazia-nos sonhar com o paraíso. . .

— Cansas-me. . . Se podes livrar-me desta maldita pedra, anda, faze-o logo. . . Se não, vai-te! Basta-me o peso que me prende, não me exaustes com palavras.

— O peso que te angustia, Josepho, é o da tua Alma. . . Luta por libertar-te dele, perdendo. O perdão é a mais sublime das conquistas! Luta, por Deus, pelo aprimoramento de teu Espírito ávido de Perfeição. Luta, irmão, e na Eternidade terás por espaço todo o Infinito. Um novo ciclo aproxima-se deste planeta, e a Humanidade que o povoa vai passar por mais um expurgo reparador. Não sentes a atmosfera dia a dia mais aquecida? É motivado este aquecimento pelas alternativas do evolucionismo físico deste globo. E quando a pressão atmosférica elevar-se mais e mais, provocará súbito descongestionamento pluvial, imergindo em água todo o orbe por muitos dias. . . Josepho, liberta-te desta pedra de ódio e vingança em que jazes aprisionado e não sofrerás o expurgo que se avizinha. Recorda Capela, o nosso paraíso. . . Lembra-te de Deus, Josepho. . .

— Vai-te! malditos sejais tu e o teu Deus!

Javan desapareceu. . .

Imergi mais ainda no abismo líquido. . . Cresceu o silêncio

em minha Alma. Só muito de longe chegavam-me alguns sons. O silêncio crescia. . . Os sons sempre mais distantes. Já não ouvia a brisa no painçal. . . As margens do Eufrates pareciam despovoadas.

Por onde andariam os “kokilas” que não mais lhes ouvia o doce canto? Teriam emigrado para as altas montanhas geladas? E o meu povo? Sim. . . Que era feito da minha tribo, dos Filhos de Deus? Mereciam estar mortos. . .

O silêncio crescia com a minha solidão. Só. Eu estava só, talvez na Terra. . . Como vingar-me então dos homens? O silêncio asfixiou-me toda a mente. . . Mergulhei em inconsciência completa. Parecia caído em um vácuo. . .

Acordei da atonia em que me abismara ouvindo vagos sons. Vinham em confusão. Aproximavam-se cada vez mais... Já podia distingui-los. Sim. . . eram vozes humanas! E eu conhecia aquelas vozes. . . eram as dos Filhos dos Homens.

E agora, sons bárbaros, como tantãs selvagens, sons de orgias estremeciam-me as carnes. . .

O ar, impregnado de luxúria, abrasava! Os cânticos lúbricos chegavam até a mim, convidando-me ao prazer.

Toda a Humanidade estremecia na volúpia dos pecados. Até os animais, os répteis e as aves estavam corrompidos! “Toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra. . .”

Sempre preso ao limo filamentososo das águas do-Eufrates, vinham aos meus ouvidos os rumores da degradação geral.

Ouvi, certa vez, uma voz clara e possante, que me recordou a de Methusael. Convidava os homens ao arrependimento e à penitência. . . Porém, um brado insano de ridicularias abafara-lhe as palavras.

Gritavam em meio de risadas estridentes:

— É Noé! Não o ouçam, está louco! Passa os dias construindo uma Barca de gofer^{1 2}. Diz que foi ordem de Deus e que nela vai salvar-se das águas. . . De que Deus, velho louco? São tantos os deuses nesta Terra! Ah! Ah! Ah! Vem afogar-te em vinho! Não bebes, velho tolo? Fazes mal. . . O vinho alegra a vida! Canaan, o teu filho mais novo, conhece-lhe o valor. . . Ele não é como os irmãos Sem e

Japhet. . . Vem conosco, velho senil, beber ao presente! Deixa que este mundo pereça. . . Ele é muito triste apesar do vinho...

E as ridicularias e risadas perderam-se ao longe. . .

Imergi em novo marasmo. O tempo para mim estacionara. Volvi dessa emaciação sentindo que as águas começavam a subir. E subiram tanto que pareciam tocar nos céus. . .

Um desejo imenso de ver a terra deu-me forças, desprendendo-me da pedra, afinal. . . Elevei-me à superfície. Com avidez, busquei a terra! Desaparecera toda ela. . . Unicamente vi céu e água, água e céu. E sobre as águas, boiando, cadáveres e destroços. . . Cadáveres de homens, aves e animais. Todos confundidos na mesma fúria líquida, na mesma putrefação.

Quis fugir daquele mundo morto, daquela humanidade sem vida. . . Bracejei, desesperado! Senti afundar-me novamente... Apeguei-me a algo viscoso, mas se desfez em minhas mãos. . . era um cadáver. Gritei por socorro! Apelei para Deus. . . Clamei por Ele. . . Orei, suplicando misericórdia. Chorava. . .

Respondeu-me aos apelos um lamento de criança. Olhei e vi mísero ente, um menino debatendo-se na água. . . Fitava-me suplicando auxílio. . . Pobre!. . . Que poderia eu fazer em socorro dele, se tão necessitado também eu estava? Porém, singular piedade invadiu-me a Alma. . . Aproximei-me da criança, vencendo a fúria das águas. Tomei-a nos braços. . . Ela me sorriu e seu sorriso deu-me Vida.

Força estranha elevou-me daquela Humanidade em destruição. Desprendendo-se dos meus braços, sorrindo divinamente, a criança apontou-me o Infinito e desapareceu como o Sol, em luz!

Olhei a Terra. A água que a cobrira, baixava de nível. . . Ao longe, uma Barca de gofer vagava. Do seu imenso bojo subiam aos Céus cânticos de Esperança!

Que civilização floresceria daquele deserto líquido?

Um corvo esvoaçou sobre o último cadáver.

As águas baixavam lentas. Ao longe, a Barca de gofer pousava docemente no Ararat.

1. Gênesis: cap. 6 — versículo 12.

2. E disse o Senhor a Noé: “Faze para ti uma arca de madeira de gofer”... Gênesis: cap. 7 — versículo 14. — Citação de Josepho.

O CRISTIANISMO DO CRISTO E O DOS SEUS VIGÁRIOS

Padre Alta

Cap. III §27 (83)

Primeiramente, o sentido de *Tradição*.

O ensino oficial, há menos de um século, suprimia a Tradição, quando fazia começar da época helênica a ciência histórica e os nossos eruditos tratavam de alucinados os pesquisadores que se obstinavam em perscrutar as ruínas de Nínive ou as esteias das Pirâmides.

Entretanto, a Bíblia houvera bastado para fazer que os começos dos anais históricos remontem a época muitíssimo anterior a Moisés. O antiquíssimo “Livro dos Luizes”, I, II, confirmando o “Livro de Josué”, ainda mais antigo, XV, 15, lembra que uma cidade da Palestina, quando nela entraram os Hebreus, se chamava “Hariath-Septher”, isto é, a “Cidade dos Livros”.

Como explicar, por exemplo, sem uma tradição escrita, que o autor do *Gênese*, cerca de dois mil anos de pois, haja podido dizer-nos não só com que idade Noé foi salvo do dilúvio, mas também a idade exata do bisavô de seu tetravô, na época em que lhe nasceu o primogênito e, igualmente, todas as datas marcantes da vida dos patriarcas, desde o começo da raça adâmica, muitos milhares de anos

antes do Dilúvio? Dá-se, com efeito, que, numa das quatro cidades do “rebelde Nemrod”, na antiga Erech, descobriram-se agora tijolos com escritos anteriores a vocação de Abraão, entre outros, alguns com uma narração do Dilúvio inteiramente conforme a que historiador caldeu Berose copiara dos Livros sagrados da Caldéia. Segundo esta narrativa, *os Livros Antigos*, por ocasião do dilúvio, foram enterrados na Cidade do Sol, Sippara, por ordem de Cronos e, mais tarde, desenterrados, após a retirada das águas. (7)

São esses Livros Antigos que, provavelmente, constituíram, depois do Dilúvio, os primeiros Livros Sagrados ou pelo menos, a tradução gafélica deles, da qual fala Aristófanes, em sua peça *A Paz*, composta cerca de 420 anos antes de Jesus Cristo, quando figurou este diálogo, versos 1894 e 1895:

Hierócles. — Em virtude de que ordem oferecete um sacrifício aos deuses?

Erigeu. — Em virtude das palavras de Homero.

Hierócles. — Não me lembro dessas palavras; mas o que sei é que a Sibíla não o ordena.

E, quando Hierócles pede para participar dos restos do sacrifício, respondem-lhe: “Come a Sibíla”.

O DESCONHECIDO E OS PROBLEMAS PSÍQUICOS

Camile Flammarion

Não é raro encontrar pessoas que negam imperturbavelmente as questões de que nos ocupamos neste livro e que aceitam decididamente as absurdidades mais colossais, por exemplo, a anedota do dilúvio *universal* narrada na Bíblia, na qual está escrito que “tendo sido abertas as comportas do reservatório das águas superiores, a água despenhou-se do céu em cataratas durante quarenta dias e quarenta noites, elevou-se quinze polegadas acima das mais altas montanhas em toda a terra e levou durante cento e cinquenta dias a arca na qual Noé fizera entrar um macho e uma fêmea *de todas as espécies de animais* existentes sobre o globo.” Nenhum conto das *Mil e uma noites* chega à primeira cavilha desta arca; mas a credulidade religiosa é tão cega que a aceita sem comentários, do mesmo modo que afirma o milagre de Josué, fazendo parar o Sol! e as palavras da mula de Balaão!

REVISTA ESPÍRITA 1860

Allan Kardec

Assim como Moisés, a Ciência coloca o homem na última ordem da criação dos seres vivos; mas Moisés coloca o dilúvio universal no ano 1654. do mundo, ao passo que a Geologia nos mostra esse grande cataclismo anteriormente ao aparecimento do homem, visto como, até aquele dia, nas camadas primitivas não se encontra nenhum traço de sua presença, nem de animais da mesma categoria, do ponto de vista físico. Mas nada prova que isto seja impossível. Várias descobertas já lançaram dúvidas a respeito. É possível, então, que de um momento para outro se adquira a certeza dessa anterioridade da raça humana. Resta ver se o cataclismo geológico, cujos traços estão por toda a Terra, é o mesmo que o dilúvio de Noé. Ora, a lei da duração da formação das camadas fósseis não permite confundilos, pois o primeiro remonta talvez a cem mil anos. Do momento em que forem encontrados traços da existência do homem antes da grande catástrofe, estará provado que Adão não é o primeiro homem,

ou que sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência não há raciocínio possível. Os teólogos deverão, assim, aceitar este fato, como aceitaram o movimento da Terra e os seis períodos da Criação.

Na verdade, a existência do homem antes do dilúvio geológico é ainda hipotética; mas isto é o menos. Admitindo que o homem tenha aparecido pela primeira vez na Terra 4000 anos antes de Cristo, se 1650 anos mais tarde toda a raça humana foi destruída, com exceção de um só, resulta que o povoamento da Terra só pode datar de Noé, ou seja, de 2350 anos antes de nossa era. Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito, no século XVIII a. C., encontram este país muito povoado e com uma civilização já muito adiantada.

Prova a História que, já nessa época, as Índias e outras regiões eram igualmente florescentes. Então seria preciso que do décimo quarto ao décimo oitavo século a. C., isto é, no espaço de 600 anos, não só a posteridade de um só homem tivesse podido povoar todas as Imensas regiões então conhecidas, supondo que as outras não o fossem, mas que, nesse curto intervalo, a espécie humana tivesse podido elevar-se da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto grau do desenvolvimento intelectual, o que é contrário a todas as leis antropológicas. Ao revés, tudo se explica admitindo-se a anterioridade do homem, o dilúvio de Noé como uma catástrofe parcial, confundida com o cataclismo geológico, e Adão, que viveu há 6000 anos, como tendo povoado uma região desabitada. Ainda uma vez, nada poderia prevalecer contra a evidência dos fatos. Por isso julgamos prudente não tomar posição em falso, muito levemente, contra doutrinas que, cedo ou tarde, como tantas outras, podem mostrar a falta de razão dos que as combatem. Longe de perder, as ideias religiosas se engrandecem com a Ciência. É o meio de não dar margem ao ceticismo, mostrando-lhe o lado vulnerável.

Que seria da religião, se ela se obstinasse contra a evidência, se persistisse em anatematizar os que não aceitassem a letra das Escrituras? O resultado seria que não se poderia ser católico sem crer no movimento do Sol, nos seis dias, nos 6000 anos de existência da Terra. Calcule-se o que hoje restaria de católicos. Proscriveis também os que não tomam ao pé da letra a alegoria da árvore e seu fruto, da costela de Adão, da serpente, etc.? A religião será sempre forte quando marchar de acordo com a Ciência, porque estará ligada à parte esclarecida da população. É o único meio de desmentir o preconceito que a faz ser considerada, por gente superficial, como antagonista do progresso. Se sempre — que Deus não o permita — ela repelisse a evidência dos fatos, afastaria os homens sérios e provocaria um cisma, porque nada prevaleceria contra a evidência.

Assim a alta Teologia, que conta homens eminentes pelo saber, sobre muitos pontos controvertidos admite uma interpretação conforme à boa razão. Apenas é lamentável que reserve suas interpretações aos privilegiados e continue a ensinar ao pé da letra nas escolas. Daí resulta que a letra, inicialmente aceita pelas crianças, é mais tarde repelida, quando chegam à idade da razão. Nada tendo em compensação, tudo rejeitam e aumentam o número dos incrédulos absolutos. Ao contrário, daí às crianças somente aquilo que, mais tarde, a razão pode admitir; e, desenvolvendo-se a razão, as fortificará nos princípios que lhes tiverem sido inculcados. Assim falando, cremos servir aos mais verdadeiros interesses da religião: ela será sempre respeitada, se mostrada de acordo com a realidade e quando não a fizerem consistir em alegorias, que o bom senso não pode admitir como reais.

OS EXILADOS DA CAPELA

Edgard Armond

XVII

O DILÚVIO BÍBLICO

Relatados assim os dois cataclismos anteriores e os acontecimentos que se lhes seguiram até o estabelecimento dos Árias nas Índias, resta-nos agora descrever o dilúvio asiático — que é aquele a que a Gênese se refere — e que foi o último ato do grande expurgo saneador da Terra, naquelas épocas heroicas que estamos descrevendo,

Eis como Moises relata o pavoroso evento:

“E esteve o dilúvio quarenta dias sobre a terra; e todos os altos montes que haviam debaixo de todo o céu, foram cobertos.

E expirou toda a carne que se movia sobre a terra. . .

Tudo que tinha fôlego de espírito de vida nos seus narizes, tudo o que havia no seco, morreu. . .

E ficou somente Noé e os que estavam com ele na Arca.”

E agora a narração súmero-babilônica feita por Zisu- thrus, rei da 10.^a dinastia, considerado o Noé Caldaico:

— “O Senhor do impenetrável abismo, anunciou a vontade dos Deuses dizendo: Homem de Surripak, faz um grande navio e acaba-o logo; eu destruirei toda a semente da vida com um dilúvio.”

E prossegue o narrador:

— “Quando Xamas veio, no tempo pré-fixado, então, uma voz celestial bradou: à noite farei chover copiosamente; entra no navio e fecha a porta. . .

Quando o sol desapareceu, fui presa do terror: entrei e fechei a porta. . .

Durante seis dias e seis noites o vento soprou e as águas do dilúvio submergiram a terra.

Cheio de dor contemplei então o mar; a humanidade em lodo se convertera e, como caniços, os cadáveres boiavam.”

Atentando para as narrativas hebraica hindu, e súmero- babilônia partes das quais acabamos de transcrever, verifica- se que em todas, entre outras semelhanças, existe a mesma notícia de uma família que se salva das águas enquanto todos os demais seres perecem.

Julgamos quase desnecessário esclarecer que essas famílias representam a parte melhor da população que se salvou; o conjunto de indivíduos, moralmente mais evoluídos ou moralmente menos degenerados, que a Providência divina preservou do aniquilamento, para que os frutos do trabalho comum, o produto da civilização até aí atingida, não fossem destruídos e pudessem se transmitir às gerações vindouras.

Assim também sucedeu, como já vimos, nos cataclismos anteriores, da Lemúria e da Atlântida e assim sucede invariavelmente todas as vezes que se dão expurgos saneadores do ambiente espiritual planetário: a grande massa pecadora é retirada e somente um pequeno número selecionado sobrevive.

Justamente como disse o Divino Mestre na sua pregação:

“Muitos os chamados, poucos os escolhidos”.

No que se refere às controvérsias que atrás anotamos nada mais temos a dizer senão que a circunstância de estar o acontecimento do dilúvio registrado nos arquivos históricos de todos os povos referidos basta para provar sua autenticidade, como também para excluir a hipótese, adotada por alguns historiadores, de que essas narrativas se referem ao dilúvio universal, ou a algum dos períodos glaciários a que atrás nos referimos.

O dilúvio narrado na Bíblia representa a invasão da bacia do Mediterrâneo pelas águas do oceano Atlântico quando rompeu-se o istmo de Gibraltar com o afundamento da Pequena Atlântida e seu cortejo de distúrbios meteorológicos.

Com a descrição do dilúvio asiático e de acordo com a divisão que adotamos para a história do mundo, como consta do capítulo III, aqui fica encerrado o Primeiro Ciclo, o mais longo e difícil para a evolução planetária e que abrange um período de mais de meio bilhão de anos.

Diz a tradição egípcia:

— “Houve grandes destruições de homens, causadas pelas águas.

Os deuses, querendo expurgar a terra, submergiram-na.”

E a persa acrescenta:

— “A luz do Ised da chuva brilhou na água durante trinta dias e trinta noites; e ele mandou chuva sobre cada corpo por espaço de dez dias.

A terra foi coberta de água até a altura de um homem.

Depois toda aquela água foi outra vez encerrada”.

E os códigos esotéricos hindus narram o seguinte:

— “O dia de Brahma não estava ainda terminado quando se levantou a cólera do Varão Celeste dizendo:

“Porque, transformando minha substância criei o éter, transformando o éter, criei o ar, transformando a luz, criei a água e transformando a água criei a matéria?

Porque projetei na matéria o germe universal do qual saíram todas as criaturas animadas?

E eis que os animais se devoram entre si; que o homem luta contra seu irmão, desconhece minha presença e outra cousa não faz que destruir minha obra; que por toda parte o mal triunfa do bem.

Sem atender à eclosão das idades estenderei a noite sobre o universo e reentrarei no meu repouso.

Farei reentrarem as criaturas na matéria, a matéria na água, a água na luz, a luz no ar, o ar no éter e este na minha própria substância.

A água, da qual saíram as criaturas animadas, destruirá as criaturas animadas.”

Mas, continua a narração:

— “Vishnou, ouvindo estas palavras dirigiu-se a Brahma e pediu-lhe que lhe permitisse a ele mesmo intervir pessoalmente para que os homens não fossem todos destruídos e pudessem se tornar melhores futuramente.

Obtida a concessão Vishnou ordena ao santo varão Vais- wasvata que construa um grande navio, entre nele com sua família e outros espécimes de seres vivos, para que assim possa ser preservada na terra a semente da vida.

Assim que isso foi feito desabou a chuva, os mares transbordaram e a terra inteira desapareceu sob as águas.”

E subindo um pouco mais encontramos entre os tibetanos a mesma recordação histórica de um dilúvio havido em tempos remotos, o mesmo sucedendo com os tártaros, cujas tradições dizem que:

— “Uma voz tinha anunciado o dilúvio.

Rebentou a trovoada e as águas, caindo sempre dos céus, arrastaram imundícies para o oceano, purificando a morada dos homens.”

E finalmente o acontecimento é contado pelos chineses da seguinte forma:

— “Quando a grande inundação se elevou até o céu, cercou as montanhas, cobriu todos os altos e os povos, perturbados, pereceram nas águas.”

Por estes relatos diferentes se verifica que todos os povos do Oriente conheciam o fato e se referiam a um dilúvio ocorrido nessa vasta região que vai das bordas do Mediterrâneo, na Ásia Menor, ao centro norte do continente asiático.

Em alguns desses relatos as semelhanças são flagrantes e dão a entender que, ou o conhecimento veio, promanando de uma mesma fonte informativa, ou realmente ocorreu, atingindo toda essa região e deixando na consciência coletiva dos diferentes povos que a habitavam a recordação histórica, para logo transformada em tradição religiosa.

Por outro lado há vários contestadores da veracidade do acontecimento, que se valem de diferentes argumentos, entre os quais este: de que chuvas, por mais copiosas e prolongadas que fossem não bastariam para inundar a terra em tão extensa proporção, cobrindo “altos montes” como diz Moisés, ou “elevando-se até o céu” como diz a tradição chinesa.

Atenda-se porém para o fato de que o estilo oriental de narrativas é sempre hiperbólico; como também note-se que os testemunhos de alguns outros povos, como por exemplo o Persa, não vão tão longe em tais detalhes e os egípcios que estão situados tão próximos da Palestina, são ainda mais discretos afirmando unicamente que a terra foi submersa.

Atentando para as narrativas hebraica hindu, e súmero-babilônia partes das quais acabamos de transcrever, verifica-se que em todas, entre outras semelhanças, existe a mesma notícia de uma família que se salva das águas enquanto todos os demais seres perecem.

Julgamos quase desnecessário esclarecer que essas famílias representam a parte melhor da população que se salvou; o conjunto de indivíduos, moralmente mais evoluídos ou moralmente menos degenerados, que a Providência divina preservou do aniquilamento, para que os frutos do trabalho comum, o produto da civilização até aí atingida, não fossem destruídos e pudessem se transmitir às gerações vindouras.

Assim também sucedeu, como já vimos, nos cataclismos anteriores, da Lemúria e da Atlântida e assim sucede invariavelmente todas as vezes que se dão expurgos saneadores do ambiente espiritual planetário: a grande massa pecadora é retirada e somente um pequeno número selecionado sobrevive.

Justamente como disse o Divino Mestre na sua pregação:

“Muitos os chamados, poucos os escolhidos”.

No que se refere às controvérsias que atrás anotamos nada mais temos a dizer senão que a circunstância de estar o acontecimento do dilúvio registrado nos arquivos históricos de todos os povos referidos basta para provar sua autenticidade, como também para excluir a hipótese, adotada por alguns historiadores, de que essas narrativas se referem ao dilúvio universal, ou a algum dos períodos glaciários a que atrás nos referimos.

O dilúvio narrado na Bíblia representa a invasão da bacia do Mediterrâneo pelas águas do oceano Atlântico quando rompeu-se o istmo de Gibraltar com o afundamento da Pequena Atlântida e seu cortejo de distúrbios meteorológicos.

Com a descrição do dilúvio asiático e de acordo com a divisão que adotamos para a história do mundo, como consta do capítulo III, aqui fica encerrado o Primeiro Ciclo, o mais longo e difícil para a evolução planetária e que abrange um período de mais de meio bilhão de anos.

UMA ANÁLISE CRÍTICA DA BÍBLIA

C.G.S.Shalders

O capítulo 5 de Gênesis ocupa-se com a geração de Adão, gente que vivia centenas de anos; todos começavam a ter filhos já em idade avançada e depois mais altos, até não terem mais para onde fugir, e aí tinham filhos e filhas. Termina o capítulo com o nascimento de Noé, que teve só três filhos e isto já na idade de 500 anos. Aí Deus entendeu de limitar a vida dos homens a 120 anos, porque: —

GEN. VI, 4 — "Depois que os filhos de Deus tiveram comércio com as filhas dos homens, geraram estes filhos que foram uns homens possantes e afamados no século."

Que eram esses filhos de Deus? e essas filhas dos homens? A história diz que Deus resolveu acabar com todos, tanto com os filhos de Deus como com as filhas dos homens; Deus se arrependera de os haver criado.

GEN. V, 6-7 — "Pesou-lhe de ter criado o homem na terra; e tocado interiormente de dor, disse: Eu destruirei da face da terra o homem que criei, desde o homem até os animais, desde os répteis até as aves do céu; porque me pesa de os ter feito."

No primeiro capítulo diz-se que Deus fez o homem à sua imagem e semelhança. A verdade porém é que o homem faz Deus à sua imagem e semelhança. Nos versículos acima citados está Deus se arrependendo da criação. Ele resolve acabar com tudo, até com os animais!

Que mal fizeram os animais? E se Deus entendeu de acabar com os animais, por que mandou que Noé recolhesse na arca pelo menos dois casais de cada espécie? — "Para que possam viver", disse Deus a Noé!

Não poderia prever Deus o resultado da sua criação? E tocado agora de arrependimento, resolve acabar com tudo; mas não acaba com tudo! Procedimento esse nem de um homem sensato!

GEN. VI, 14-16 — "Faze para ti uma arca de madeiras aplainadas; farás nesta arca uns pequenos quartos, untá-la-ás com betume por dentro e por fora. Eis aqui a forma porque há de fazer. O seu comprimento será de trezentos côvados, a largura de cinquenta, a altura de trinta. Farás na arca uma janela, e darás um côvado de altura ao seu cume. Porás também a porta da arca a um lado; e farás nela um andar de repartimentos em baixo, um no meio, e um terceiro em todo cima".

Diz-se que "Noé achou graça diante do Senhor", E tendo Deus resolvido salvar a Noé da catástrofe vindoura, não teve remédio senão estender essa graça à mulher de Noé, a seus três filhos e suas respectivas mulheres. Na corrupção geral a que chegara o mundo, fariam exceção todas essas oito pessoas chegadas a Noé? Seriam só essas pessoas? Coincidência que só os membros da família de Noé prestassem! A sequência, após o dilúvio, mostra que pelo menos um dos filhos de Noé não era grande coisa!

Deus resolve acabar com todos os seres vivos, homens, animais, reptéis, até as aves do céu. Não bastaria uma palavra sua para que todos sucumbissem? Porque recorrer ao meio bárbaro de afogar a todos? Os homens, para não falar também dos animais, a fugirem de seus lares, vendo as águas pouco a pouco invadirem esses lares, correndo procurarem lugares verem as águas pouco a pouco a submergirem-nos! Um suplício desumano pior do que a Santa Inquisição Espanhola da Idade Média! É o que a "Palavra

de Deus" atribui ao Deus que Jesus define como sendo o Amor!

Para salvar os oito favorecidos Deus mandou que Noé construísse uma arca, cujas dimensões são fixadas pelo próprio Deus, e dadas em côvados. Não sabemos exatamente a dimensão desse côvado, mas podemos ver que não era muito grande. Ajuizamos da dimensão desse côvado pela altura dada à arca, e pela altura a que chegaram as águas acima das mais altas montanhas. A arca teria 30 côvados de altura, e essa altura teria de ser dividida em três andares somente. Portanto a altura de cada andar seria de dez côvados. Nos transatlânticos luxuosos modernos a altura de um andar não passa de 3 metros ou menos. Se dermos portanto ao côvado a dimensão de meio metro, os andares da arca teriam 5 metros de altura. Para que mais altura? Assim as dimensões da arca[^] seriam 150 metros de comprimento, 25 de largura, 15 de altura; um barco bastante grande, mas ainda assim menor do que alguns transatlânticos modernos. Este enorme barco era munido de uma só janela no seu teto, e essa janela tinha apenas a dimensão de meio metro! No bojo desse barco tinham de viver oito pessoas e pelo menos dois casais de cada espécie de animal, inclusive, é de supor, os dinossauros antediluvianos, e isso durante mais de 10 meses, tempo esse em que as águas tiveram a terra coberta! Supondo a arca de forma retangular, os pisos dos três andares teriam apenas o total de 1125 metros quadrados. Onde haver espaço para acomodar milhares de casais de animais, 4 cubículos para os quatro casais humanos e alimento e água para todos?! E todos esses milhares de animais a defecarem durante mais de 10 meses. Os do andar de baixo, pelo menos, não poderiam ter esgoto para o lado de fora do barco! A janela de dimensões exíguas no teto da arca não poderia dar luz, nem para o andar superior, nem para os andares inferiores; de sorte que os habitantes da arca viveram perto de 12 meses em completa escuridão. Não há exagero nosso em dizer isso, porque quando terminou o dilúvio, Noé não podia servir-se da janela para ver se as águas já haviam abaixado, se o chão estava ou não enxuto, para ele poder sair da sua prisão. Foi preciso lançar mão de um corvo e de uma pomba, que não acharam pouso para seus pés senão depois que a terra reapareceu. Segundo a narrativa a prisão de Noé na arca durou 354 dias, quase um ano.

O Sr. Scofield, sentindo a necessidade de explicar como a arca pode comportar tanta gente, diz: "Navios modernos carregam centenas de animais vivos, alimento para os mesmos, além de dezenas de seres humanos." Há uma grande diferença entre um navio moderno carregar centenas de animais, em um meio de oxigênio puro, durante uns 15 dias, e a arca, em seu bojo fechado, privado de luz e de ar, carregar durante quase um ano, não centenas de animais, mas sim milhares de casais, grandes e pequenos, dois casais dos animais considerados imundos e sete casais dos animais chamados limpos, inclusive toda casta de aves do céu e repteis da terra!

A narrativa diz que as águas cobriram os mais altos montes, excedendo os mais altos de quinze côvados, isto é, de sete e meio metros. Como há montes de mais de mil metros de altura (o Everest tem 8882 metros), as águas devem ter subido alguns quilômetros de altura! Donde veio tanta água? Admite-se que o mundo inteiro ainda não era habitado, nem mesmo por animais; mas para que a porção da superfície da terra já habitada tivesse seus mais altos montes cobertos de água até sete e meio metros de profundidade, era necessário que as águas se espriassem ao redor do mundo inteiro elevando-se até essa altura, pois não seria possível que as águas do dilúvio não estivessem sempre no seu nível. Donde veio tanta água? Para onde foi ela quando terminou o dilúvio? Para onde se escoou, se o oceano já estava cheio até a mesma altura dos altos montes? Se o Everest chegou a ser coberto d'água, então o volume d'água necessário para tanto seriam 3960 quatrilhões de metros cúbicos. O volume total da nossa terra é, em algarismos redondos, 1087 quintilhões de

metros cúbicos, isto é, o volume d'água do dilúvio seria 36 décimos milésimos do volume total do globo terrestre!

Para dizer que toda essa água evaporou-se, teríamos uma camada de vapor d'água circundando o mundo inteiro, de muitos metros de profundidade; não poderíamos nunca ver o sol, e muito menos as estrelas.

Vê-se assim que a história do dilúvio, pondo de parto o amesquinhar a Deus, contraria o bom senso, vai de encontro à ciência; é escrita em linguagem muito pueril; mostra-nos que a Bíblia não pode ser de inspiração divina; não pode portanto ser a "Palavra de Deus"; é um livro humano como outro qualquer e neste particular, escrita por gente muito ignorante.

GEN. VIII, 20-21 — "Ora Noé edificou um altar ao Senhor, e tomando de todas as rezes, e de todas as aves limpas, ofereceu-lhes em holocausto sobre o altar. E nisto percebeu o olfato do Senhor um suave cheiro, e disse: — "Não amaldiçoarei mais a terra por causa dos homens; porque o sentido e o pensamento do coração do homem são inclinados para o mal desde a sua mocidade. Não tornarei pois a ferir vivente algum como fiz."

Por ordem de Deus Noé recolheu na arca sete casais de todos os animais chamados limpos. Saídos da arca (foi preciso que Deus os mandasse sair), a primeira coisa que faz Noé é sacrificar a Deus uma porção desses animais, um de cada espécie dos animais limpos; e como resultado "percebeu o olfato do Senhor um suave cheiro"! Como se amesquinha a Deus aqui! O cheiro de sangue ser agradável a Deus!

E Deus outra vez se arrepende do que fez! Resolveu acabar com todos os seres viventes, porque se arrependera de os haver criado; agora se arrepende de os haver exterminado, e resolve não mais amaldiçoar a terra, porque reconhece que o coração do homem é inclinado para o mal; exatamente o motivo por que resolvera acabar com os seres que criara, inclusive os animais, a gente não sabe por quê. Que Deus pusilânime nos é pintado aqui! E ainda há quem acredite que essa narrativa é de inspiração divina! que ela é a "Palavra de Deus"!

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA

J. Herculano Pires

DILÚVIO: CATÁSTROFE PARCIAL ADAPTADA A UMA ANTIGA LENDA

A lenda do dilúvio, que encontramos em Gênesis: VII e VIII, é uma dessas passagens bíblicas que só podem ser tomadas ao pé da letra pelo fanatismo e a ignorância. Pouco importa que durante séculos as religiões cristãs, com seus doutores e sacerdotes, tenham sustentado a realidade literal dessa lenda. A verdade histórica é apenas esta: a lenda do dilúvio corresponde a um dos arquétipos mentais atualmente estudados pela psicologia profunda. Os estudos de Karl Jung a respeito são bastante esclarecedores. Mas o arquétipo, coletivo, que corresponde no plano social aos complexos psicanalíticos do plano individual, não é uma abstração. Pelo contrário, é uma realidade psíquica enraizada nos fatos concretos. O dilúvio bíblico, por isso mesmo, tem duas faces: uma é a realidade histórica, a ocorrência real da catástrofe; outra é a interpretação alegórica, enraizada no arquétipo coletivo e que o texto sagrado nos oferece.

O *Livro dos Espíritos* explica o problema do dilúvio através dessas duas faces, a real e a lendária. É o que vemos no seu item 59, nas "Considerações e Concordâncias Bíblicas referentes à Criação", que se podem resumir nestas palavras: "O dilúvio de Noé foi uma catástrofe parcial, que se

tomou pelo cataclismo geológico”. Aliás, essa afirmação de Kardec foi posteriormente confirmada pelas investigações científicas. O arqueólogo inglês *sir* Charles Leonard Woolley descobriu ao norte de Basora, próximo ao Golfo Pérsico, ao dirigir escavações para a descoberta dos restos da cidade de Ur, as camadas de lama do dilúvio mencionado na Bíblia. Pesquisas posteriores completaram a descoberta. O dilúvio parcial do delta dos rios Tigre e Eufrates é hoje uma realidade atestada pela Ciência. Foi esse dilúvio, ou seja, essa inundação parcial, que serviu de motivo histórico para a lenda bíblica.

Como acentua Kardec, nada perdeu com isso a Bíblia, nem a Religião. Mas ambas são diminuídas quando o fanatismo insiste em defender um absurdo, quando teima em dizer que Deus afogou o mundo nas águas de uma chuva de quarenta dias e fez Noé salvar-se, com a própria família e as privilegiadas famílias dos animais de cada espécie existente, para que a vida pudesse continuar na Terra. Sustentar como realidade histórica a figuração ingênua de uma lenda, conferindo-lhe ainda autoridade divina, é ridicularizar o sentimento religioso e minar as bases da concepção espiritual do mundo. Foi esse processo infeliz de ridicularização que levou o nosso tempo ao materialismo e à descrença que hoje o dominam.

Que diriam os fanáticos da “palavra de Deus” ao saberem que o dilúvio bíblico tem por antecessores o dilúvio babilônico de Gilgamesch, historicamente chamado de “o Noé babilônico”, e o dilúvio grego de Deucalião? O Espiritismo esclarece esse problema, mostrando que o “arquétipo coletivo” de dilúvio é responsável pelo seu aparecimento em diversos capítulos da História das Religiões, e até mesmo na pré-História, entre os povos selvagens. É esse um dos pontos mais curiosos da psicologia das Religiões.

SENTIDO COSMOSSOCIOLÓGICO DA LENDA BÍBLICA DO DILÚVIO

Já vimos, que o dilúvio bíblico foi apenas uma inundação parcial, no delta dos rios Tigre e Eufrates, o que está comprovado pelas escavações arqueológicas. Vimos que Adão e Eva são apenas o mito alegórico do aparecimento da raça hebraica, e que Jeová não é o Deus único do Novo Testamento, mas apenas o deus-familiar da clã de Abrão, Isaac e Jacó. Tudo nos mostra, numa análise cultural da Bíblia, que ela deve ser interpretada na perspectiva das civilizações agrárias, a que realmente pertence. A lenda do dilúvio, que é também um mito agrário e ocupa todo o espaço dos capítulos 6 a 10 do Gênesis, confirma plenamente o caráter local e racial do livro que as igrejas cristãs consideram como “palavra de Deus”.

As civilizações agrárias, como acentuou Durkheim a respeito das cidades gregas, explicam-se pela Cosmos- sociologia. O cosmos participa das estruturas sociais, pois o homem está ainda profundamente ligado à Natureza, entranhado na Terra. Por isso vemos, no dilúvio bíblico, Deus falando a Noé, este procurando embarcar todos os seres vivos na arca e servindo-se, depois, do corvo e da pomba para saber se o dilúvio acabara. Deus, homens e animais convivem e se entendem. Não existe uma sociedade, mas uma cosmoassociedade. A própria duração do dilúvio (quarenta dias) obedece a ritmos naturais, como o das estações, dos períodos lunares, das enchentes, dos períodos críticos da vida humana ou mesmo da gestação de animais ou do desenvolvimento dos vegetais.

Noé solta um corvo da arca para saber se o dilúvio acabara; a seguir, uma pomba; sete dias depois (o número sete é também significativo) solta de novo a pomba e a recolhe de volta com as mãos (símbolo carinhoso da relação homem-animal). Todos esses pormenores são encontrados nas lendas do dilúvio referentes a vários povos antigos da Ásia, da Europa e da América, entre os quais os índios brasileiros. Entre os índios do México e da Nova Califórnia, por exemplo, Noé se chama Coxcox e a pomba é substituída pelo colibri. Todos os Noés, seja o mesopotâmico, o grego, o mexicano, o celta

(que se chamava Dwyfan e sua mulher Dwyfach), são avisados por Deus (naturalmente o Deus de cada um desses povos) que estava irritado com a corrupção do gênero humano e manda o seu escolhido construir uma arca.

Só mesmo uma ingenuidade excessiva poderia fazer-nos aceitar o relato público do dilúvio como uma realidade histórica ou divina. A lenda bíblica do dilúvio corresponde a um mito dessa fase bem conhecida da História dos povos antigos, que é a fase mitológica. Sua realidade não é histórica nem divina: é simplesmente alegórica. O dilúvio é uma lenda que corresponde a um passado mitológico, comum a todos os povos.

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Cap. 1 – Caráter da Revelação Espírita

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver onde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário agrupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.

VADE MECUM ESPÍRITA - Noé